

Crônicas jornalísticas na experiência de Trudi Landau: literatura e imprensa na segunda metade do século XX



Trudi Landau. Fotografia
sem autoria, s./d. (detalhe).

Kelly Yshida

Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). kellyshida@gmail.com

Crônicas jornalísticas na experiência de Trudi Landau: literatura e imprensa na segunda metade do século XX*

Journalistic chronicles in the experience of Trudi Landau: literature and press in the second half of the 20th century

Kelly Yshida

RESUMO

Trudi Landau (1920-2015) nasceu na Alemanha em uma família judia e veio para o Brasil com seu marido, Jean Landau, em 1946. Já instalada no país perdeu seu único filho, vivenciou a ditadura militar e encontrou na literatura uma forma de intervir na realidade e de estabelecer novos relacionamentos. Tornou-se assídua leitora de jornais e correspondente de cronistas, especialmente de Lourenço Diaféria e Carlos Drummond de Andrade. A partir de uma perspectiva que compreende a literatura na interação com o contexto, como prática humana inserida em um processo histórico, procuramos analisar as especificidades das crônicas que despertaram o interesse de Trudi Landau e entender como essa produção se tornou parte importante de suas ações e relações sociais. Diante das relações entre leitora, escritores e textos literários, buscamos contribuir com os estudos que abordam história, literatura e imprensa, principalmente sobre a crônica jornalística como gênero literário.

PALAVRAS-CHAVE: literatura; imprensa; crônica jornalística.

ABSTRACT

Trudi Landau (1920-2015) was a Jewish woman who was born in Germany. She came to Brazil with her husband, Jean Landau, in 1946. In Brazil her only child died, here she lived in a dictatorship and found a form of social intervention in literature. She became a reader of journalistic chronicle and chroniclers' correspondent, mainly for Lourenço Diaféria and Carlos Drummond de Andrade. From a perspective that understands literature through its interaction with the context, as a human practice at a historical process, we analyze how the characteristics of the journalistic chronicle contributed to Trudi Landau's interest in this literary genre and how this literature became important in her life and social relationships. Given this relationship between reader, writers and literary texts, this research aims to contribute to the studies of history, literature and the press, especially with regard to journalistic chronicles as a literary genre.

KEYWORDS: literature; press; journalistic chronicle.



A imprensa brasileira surgiu oficialmente no início do século XIX. Desde então, os periódicos se aproximaram da literatura, servindo como espaço de divulgação, fornecendo notícias como conteúdo para ficções, sendo suporte de

* Este artigo foi apresentado no simpósio temático História, Literatura e Imprensa, no XXVI Encontro Estadual de História da Anpuh-SP, em 2022. Agradeço aos(as) participantes pelas contribuições às reflexões aqui expostas.

publicações ou espaço de sociabilidade de escritores(as) e jornalistas. Contos, folhetins e poesias sempre figuraram nas páginas de jornais, mas a manifestação literária mais expressiva nesse meio é a crônica jornalística. Se, por um lado, havia a garantia de circulação dos textos e de renda para autores(as), por outro, essa relação fez com que a crônica fosse vista como “gênero menor” diante de outras literaturas. Produzida por um(a) escritor(a) que necessitava suprir suas demandas materiais, respondendo aos temas cotidianos e ao ritmo da imprensa, a crônica tendeu a ser considerada efêmera.

Para o crítico Antonio Candido, a crônica – que iniciou como “folhetim” e comentando as questões do dia – tornou-se mais curta e menos comprometida com a necessidade de informar; na sua “fórmula moderna”, consolidada no século XX; ganhou espaço o “fato miúdo e um toque humorístico”¹, sendo que o jornal se manteve como um de seus principais interlocutores, além de suporte por excelência. A crônica acompanhou as transformações jornalísticas ao longo dos dois últimos séculos no Brasil, em relação à formação das empresas de comunicação, aumento das tiragens, formação de um público leitor mais abrangente e meios de transporte e tecnologias que facilitaram sua circulação.

A profissionalização de jornalistas, marcada por uma regulamentação em 1969, é exemplo dessas mudanças. Conforme a análise da historiadora Alzira Alves de Abreu, “no passado, as redações eram um espaço de prestígio intelectual. Os mais conhecidos e respeitados escritores, críticos literários e da arte do país foram homens de imprensa [...]. Os jornalistas podiam ter e tinham opinião”.² A partir do processo de profissionalização, escritores(as) e intelectuais puderam colaborar como cronistas ou colunistas, não sendo mais parte do grupo de jornalistas da redação.³

A “crônica moderna” manteve como característica o diálogo com leitores(as), o uso da linguagem para construir um tom de conversa e a proximidade com as miudezas do cotidiano, como faziam José de Alencar e Machado de Assis. A relação que o(a) cronista visa estabelecer com os(as) leitores(as) ocorre a partir de fatores como a linguagem, muitas vezes coloquial; o espaço curto da escrita no periódico, permitindo uma leitura rápida; e as temáticas que, comumente, relacionam-se com as notícias. Chalhoub, Neves e Pereira elencam a natureza da indeterminação como um dos elementos que singularizam esses textos. Dessa forma, “o cronista está sempre sujeito ao imponderável do cotidiano, que tanto lhe fornece temas e problemas com os quais discutir quanto modifica e redireciona suas opções iniciais”.⁴ A indeterminação é uma estratégia para que a crônica seja cada vez mais atualizada, mais atraente, atendendo aos interesses de leitores(as) do jornal.

Fato é que a crônica permaneceu – pela facilidade de acesso ou pela linguagem dita mais coloquial – como “companheira quase que diária do leitor brasileiro”.⁵ Por outro lado, a crônica pode sofrer certo desprestígio, como

¹ CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antônio *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas-Rio de Janeiro: Editora da Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 15.

² ABREU, Alzira Alves. *A modernização da imprensa (1970-2000)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 41.

³ Cf. *idem, ibidem*, p. 39-42.

⁴ CHALHOUB, Sidney, NEVES, Margarida de Souza e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Introdução. In: *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005, p. 17.

⁵ ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 51.

abordou o crítico Antonio Dimas, devido ao financiamento e ao imediatismo, especialmente por sua relação com o jornal que lhe conferiria brevidade na duração, urgência na elaboração e parcialidade de interpretação dos fatos.⁶

De acordo com Margarida Neves, “cronistas modernos” teriam o diferencial de voltarem-se ao “comentário pessoal, ao olhar subjetivo, à busca do significado do efêmero e do fragmentário”, em vez da primazia do registro do acontecimento⁷: “Seu tom é leve, e busca sempre ser acessível a todos os leitores. Sua marca de identidade é a de ser comentário quase impressionista. A escolha de seus temas é supostamente arbitrária e a liberdade preside sua construção. Sua forma é, por definição, caleidoscópica, fragmentária e eminentemente subjetiva”.⁸

Para Candido, a crônica passou a utilizar uma linguagem mais leve e menos argumentativa: próxima da poesia e do humor.⁹ O que não se contrapõe ao possível engajamento dessa literatura, podendo sua “leveza”, inclusive, tornar as problematizações acessíveis e seus debates procurados pelo público. A sua seriedade é a de quem trata de coisas sérias pelo “zigzague de uma aparente conversa fiada”.¹⁰ Afinal, “aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas”.¹¹

Poderíamos, então, compreender o público-alvo pelo próprio jornal ou por arquivos de leitores(as) e diálogos firmados com escritores(as), levando em conta que um(a) leitor(a) não é a medida para todo um público, mas pode contribuir para refletirmos sobre o alcance das crônicas. É o caso de Trudi Landau, leitora e correspondente de cronistas na segunda metade do século XX, especialmente de Lourenço Diaféria e Carlos Drummond de Andrade, e que se tornou escritora. Nosso acesso a ela se deu por seus livros, com destaque para a troca epistolar publicada em *Carlinhos querido*: a amizade postal entre o poeta Carlos Drummond de Andrade e a escritora Trudi Landau¹², e publicações em jornais. Compreendendo que a tríade fundamental para comunicação artística – neste caso a literária – é constituída por autor(a), obra e público¹³, interessa-nos refletir sobre as especificidades da crônica jornalística que despertaram o interesse de Trudi Landau e de que forma essa literatura se tornou parte importante de sua realidade.

As crônicas e as cartas

Gertrude Joseph, conhecida como Trudi Landau, foi uma escritora alemã radicada no Brasil que, por intermédio da literatura, engajou-se socialmente e estabeleceu relações com personagens publicamente relevantes de sua época. Seu nome tende a ser associado à história da imigração judaica para o

⁶ Ver DIMAS, Antônio. Ambiguidade da crônica: literatura ou jornalismo? *Revista Littera*, n. 12, ano IV, Rio de Janeiro, set.-dez. 1974, p. 48.

⁷ NEVES, Margarida de Souza. História da crônica. Crônica da história. In: RESENDE, Beatriz (org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995, p. 17.

⁸ *Idem, ibidem*, p. 20.

⁹ Ver CANDIDO, Antonio, *op. cit.*, p. 15.

¹⁰ *Idem, ibidem*, p. 20.

¹¹ *Idem, ibidem*, p. 19.

¹² LANDAU, Trudi. *Carlinhos querido*: a amizade postal entre o poeta Carlos Drummond de Andrade e a escritora Trudi Landau. São Paulo: Keila & Rosenfeld, 1992.

¹³ Cf. CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 11 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010, p. 33.

Brasil¹⁴, ao seu livro sobre Vladimir Herzog e às suas trocas epistolares com Carlos Drummond e Lourenço Diaféria. Em 2020, o Museu Judaico de São Paulo apresentou o acervo da escritora.¹⁵

Trudi Landau nasceu em Colônia, em 1920, em uma família judia, e ainda criança vivenciou a perseguição nazista.¹⁶ No início da guerra, quando sua mãe estava na Palestina, fugiu com o pai para a Bélgica. Ele foi descoberto e deportado para a Alemanha, enquanto ela conseguiu ir para a França, onde lutou na resistência e conheceu Jean Landau, com quem se casou.¹⁷ O casal chegou ao Brasil em 1946¹⁸; pouco tempo depois nasceu Emanuel, que faleceu antes de completar trinta anos. Sem compreender a língua local¹⁹, diante do isolamento e da necessidade de lidar com seus traumas, a leitura e a escrita se tornaram estratégias importantes na vida de Trudi.

Leitora assídua de crônicas, costumava encaminhar cartas para os jornais. Em 1977, o jornalista Dirceu Soares escreveu para a *Folha de S. Paulo* uma matéria de página inteira intitulada *Trudi: a cartamaniaca*, dando visibilidade para a principal correspondente externa à redação que o jornal tinha naquele momento. Na parte superior da página, o autor informava: “Nas cartas, ela encontrou uma companhia para sua solidão. Agora, é lida e conhecida em toda a cidade”. O texto seguia explicando que “nos últimos três anos é a recordista de comparecimento nas Seções dos Leitores e houve uma época em que remetia duas a três cartas por semana para cada jornal”. Embora a escrita para os jornais em português tivesse começado apenas na década de 1970, a prática epistolar de Trudi Landau era anterior:

*Sempre gostei de escrever e, quando menina, na Alemanha, minhas composições eram consideradas as melhores da classe. Quando vim para o Brasil em 1946, passei a escrever cartas para todos os meus amigos e parentes espalhados por todos os cantos do mundo. Sempre em alemão. Eles me respondiam dizendo que gostavam das minhas cartas porque eu sabia dizer coisas tristes e coisas alegres. Uma amiga me confidenciou que chorava sempre que recebia uma de minhas cartas. E me diziam: você precisa escrever um livro.*²⁰

A presença da leitora era recorrente na seção de cartas de jornais de São Paulo. Era comum que opiniões progressistas abordando temáticas sensíveis naquele momento – como liberdade religiosa, críticas ao autoritarismo e lutas feministas – provocassem debates entre leitores(as). Outras opiniões polêmicas também ganhavam destaque e eram criticadas, como a defesa do Estado de Israel, especialmente diante dos conflitos com a Palestina.²¹

¹⁴ Cf. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Literatura de imigração: memórias de uma diáspora. *Acervo*. v. 10, n. 2, Rio de Janeiro, jul.-dez., 1997.

¹⁵ Ver Mulheres no Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Disponível em <<https://muj.museujudaicosp.org.br/exposicoes/mulheres-no-acervo/>>. Acesso em 20 ago. 2023.

¹⁶ Cf. SOARES, Dirceu. Trudi: a cartamaniaca. *Folha de S. Paulo*, 1 mar. 1977, p. 33.

¹⁷ Jean Landau também era leitor de crônicas, notadamente as de Lourenço Diaféria, mas não enviava cartas; a exceção foi durante uma viagem de Trudi em 1987, quando lhe foi dada a incumbência de escrever cartas a Carlos Drummond de Andrade com notícias sobre a amiga e de remeter-lhe as crônicas dela, publicadas no jornal *Notícias Populares*.

¹⁸ Cf. LANDAU, Trudi. *Carlinhos querido*, op. cit., p. 7.

¹⁹ Cf. *idem*.

²⁰ *Idem apud* SOARES, Dirceu, op. cit., p. 33.

²¹ Ver, por exemplo, LANDAU, Trudi. *Folha de S. Paulo*, Painel do Leitor, 15 ago. 1988, p. 3.

Trudi, a cartamaniaca

José Soares, último Prêmio Nobel de Literatura, tem, em seu livro *Trudi*, um personagem que gosta de escrever cartas. Escreve para pessoas que já morreram, para aquelas que vão morrer, para um hospital, para sua própria casa que já não existe. Depois rasga o papel e jogá-lo. Trudi Landau, uma mulher de 40 anos, encara-se no Brasil, em São Paulo, também tem uma mania de escrever cartas, sempre por vontade própria. Mas sobre assuntos estranhos, não escreve para ninguém. Nos últimos três anos é a correspondência que a mantém viva. Ela escreve cartas para quem não responde, para quem não responde mais, para quem não responde nunca. Ela escreve cartas para quem não responde mais, para quem não responde nunca. Ela escreve cartas para quem não responde mais, para quem não responde nunca.

Trudi escreve para os jornalistas, acabou conhecida dos jornalistas, todos acham que ela tem jeito para escrever. O que ela escreve para quem já morreu, para quem vai morrer, para quem não responde mais, para quem não responde nunca. Ela escreve cartas para quem não responde mais, para quem não responde nunca. Ela escreve cartas para quem não responde mais, para quem não responde nunca.

Trudi escreve cartas para quem não responde mais, para quem não responde nunca. Ela escreve cartas para quem não responde mais, para quem não responde nunca. Ela escreve cartas para quem não responde mais, para quem não responde nunca. Ela escreve cartas para quem não responde mais, para quem não responde nunca.



obteve uma identidade e correu para o Brasil. Foi localizado por uma pessoa que conhecia a família e levou-o a Trudi. Ela escreveu o livro *Trudi* que acabou sendo publicado. O livro conta a história de Trudi Landau, uma mulher que escreve cartas para quem não responde, para quem não responde mais, para quem não responde nunca. Ela escreve cartas para quem não responde mais, para quem não responde nunca.

Trudi escreve cartas para quem não responde mais, para quem não responde nunca. Ela escreve cartas para quem não responde mais, para quem não responde nunca. Ela escreve cartas para quem não responde mais, para quem não responde nunca. Ela escreve cartas para quem não responde mais, para quem não responde nunca.

Figura 1. SOARES, Dirceu. Trudi: a cartamaniaca. Folha de S. Paulo, 1 mar. 1977.

As cartas de Trudi geravam comentários, particularmente de quem dela discordava, como o leitor Antonio C. de Sousa, que reclamou de seus posicionamentos e da frequência com que era publicada: "As cartas acolhidas pelo apreciado 'Painel do Leitor' procedem com muita frequência dos mesmos remetentes e o trabalho de copidesque mutila o teor das cartas. Não era Hemmingway que alimentava verdadeira fobia pelo copidesque? A leitora Trudi Landau, com certa habitualidade, ataca princípios cristãos pelo 'Painel do Leitor'. Tive a oportunidade de encaminhar ao 'Painel do Leitor' algumas réplicas, jamais publicadas. Não acho isso justo".²²

No início da década de 1970, o cronista que mais recebia suas cartas era Lourenço Diaféria. Na edição da *Folha de S. Paulo* de 20 de fevereiro de 1974, ele assinou a crônica "Assuntos particulares", com um primeiro comentário sobre Trudi Landau: "A sra. Trudi me escreve – treze cartas, com a de ontem – trazendo críticas, reparos, observações astuciosas e, por fim, perguntando se esta coluna é feita em equipe". Ela enviou outras cartas a Diaféria e decidiu ir à

²² SOUSA, Antonio C. de. *Folha de S. Paulo*, Painel do Leitor, 1 nov. 1988, p. 3.

redação do jornal para conhecê-lo, mas não teve sucesso. O primeiro encontro ocorreu em 1976, quando o cronista lançou o livro *Um gato na terra do tamborim*.²³

Em 1977, Lourenço Diaféria foi acusado de infringir a Lei de Segurança Nacional após a publicação da crônica “Herói. Morto. Nós”²⁴, e Trudi não hesitou em defendê-lo. Em meio ao processo aberto pelos militares e o afastamento do cronista, o espaço na *Folha* foi ocupado por Carlos Drummond de Andrade. Na seção de leitores de 16 de fevereiro de 1978, Trudi comentou:

Bem sei que não foi somente para mim, assinante da “Folha” de tantos anos, um grande choque emocional, de ver hoje, 11/2, o nome de Carlos Drummond de Andrade encimando o espaço da coluna, ocupado anteriormente, e por muito tempo, pelo bem-amado Lourenço Diaféria. Fazia falta mesmo, uma crônica, e não poderia haver pessoa mais bem-vinda do que o grande mestre Drummond de Andrade. Nosso espírito abre-se, com todo prazer, a suas matérias, quaisquer que sejam, enquanto em nosso coração continua albergado o meu, o nosso, o universal amigo Lourenço Diaféria, onde quer que ele esteja.
– Trudi Landau.²⁵

Dias depois, em 24 de fevereiro de 1978, dirigiu-se ao próprio Drummond: “Meu marido não quer ler as suas crônicas na *Folha*, de raiva, pois o espaço que ocupa antes pertencia ao formidável Lourenço Diaféria e alegrava, logo ao café da manhã, a quem o lia, antes mesmo de atentar para as manchetes de primeira página”. E terminou ponderando que “não adianta eu insistir, que o senhor é quem menos culpa tem. Já vejo as coisas de modo diferente, como expressei numa carta publicada pela *Folha*”.²⁶ Não tardaria a se corresponder diretamente com Drummond, mesmo que aquelas crônicas não fossem as primeiras do autor que ela lia nem tampouco fosse a primeira carta que lhe enviava. Trudi havia conhecido os textos de Drummond publicados semanalmente no impresso *Shopping News*, em 1975: “Não sabia da importância de Drummond como poeta ou qualquer outro assunto a seu respeito, mas fiquei inspirada pelo que escrevia e mandava cartas à redação do jornal [*Shopping News*], comentado as escritas de Drummond, fazendo uma espécie de contracrônica. Algum redator gostava das minhas manifestações e sempre as mandava publicar”.²⁷

Em uma de suas primeiras cartas encaminhadas ao *Shopping News*, em 2 de fevereiro de 1975, ela comentou uma crônica sobre o escritor alemão Erich Kaestner, de quem também era leitora. Mas foi apenas quando Drummond passou a publicar na *Folha*, com a saída temporária de Diaféria, que as trocas epistolares entre eles se tornaram frequentes.

Em *Trudi: a cartamaníaca*, ela comentou seu gosto pelas cartas desde quando morava na Alemanha, mas que havia começado a escrever em português e para jornais somente em 1973. No Brasil, as cartas de Trudi Landau foram publicadas em diversos periódicos de São Paulo e Rio de Janeiro, como

²³ Cf. SOARES, Dirceu, *op. cit.*

²⁴ No dia 1º de setembro de 1977, a *Folha de S. Paulo* publicou a crônica de Lourenço Diaféria intitulada “Herói. Morto. Nós”. Por ser considerada ofensiva aos militares, Diaféria foi acusado de violar a Lei de Segurança Nacional. Ver YSHIDA, Kelly. *O falso cômico e o circo urbano: Lourenço Diaféria e o processo desencadeado pela crônica jornalística “Herói. Morto. Nós” (1977-1980)*. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, Florianópolis, 2015.

²⁵ LANDAU, Trudi. *Folha de S. Paulo*, Painel do Leitor, 16 fev. 1978, p. 3.

²⁶ *Idem*, *Carlinhos querido*, *op. cit.*, p. 9.

²⁷ *Idem*, *ibidem*, p. 7.

Folha de S. Paulo, *Shopping News*, *Aqui São Paulo* e *Jornal da Tarde*.²⁸ Elas eram dirigidas a cronistas e apresentavam suas considerações sobre notícias diversas. Além de Diaféria e Carlos Drummond de Andrade, Flávio Rangel também comentou que recebia mensagens dela.²⁹

As numerosas participações nos jornais eram colecionadas pela por Trudi, que reuniu os recortes das cartas e das colunas em álbuns. Ela escreveu na década de 1970 para os jornais *Brasil-Post* e *Deutsche Zeitung* e depois passou a ter uma coluna, no início quase diária e depois dominical, no jornal *Notícias Populares*, atuando, portanto, como cronista. Trudi foi igualmente colaboradora da Associação Brasileira de Imprensa, admitida em 1977.

Além disso, escreveu os livros *Crônicas do meu tempo*³⁰, *Vlado Herzog, o que faltava contar*³¹ e o já citado *Carlinhos querido*: a amizade postal entre o poeta Carlos Drummond de Andrade e a escritora Trudi Landau. Neste, apresentou as cartas remetidas para Drummond e fez comentários sobre as respostas dele e as conversas que mantiveram por telefone. Como era de se esperar, as cartas enviadas foram mais numerosas do que as recebidas.³² Sobre isso, Drummond escreveu em uma dedicatória: “A Trudi querida, maior (e melhor) escrevedora de cartas em todo o mundo, lutadora de todas as causas justas e perdidas, coração cheio de solidariedade, o abraço amigo de quem não escreve carta nenhuma”.³³ *Carlinhos querido...* abrange o período entre 1978 a 1987, os nove últimos anos de vida do poeta. Essa troca epistolar entre leitora e escritor tem caráter informal, autobiográfico, e o fato de haver sido organizada para publicação aponta a possibilidade de correções e intervenções editoriais nos textos das cartas.

Ao converter-se em cronista Trudi passou a receber cartas de seus(suas) leitores(as), aumentando a rede que a crônica lhe possibilitava construir e reiterando a importância da publicação como espaço de diálogo. Nota-se isso em uma resposta a seu texto sobre homossexualidade e discriminação, na qual o leitor se identificou e lhe mandou cartas. Sobre esse episódio, Trudi comentou: “Vou responder à carta, isso não há dúvida, e vou pelo menos lhe deixar a liberdade de me escrever. Às vezes o desabafo faz bem, quando você imagina que o receptor é simpático a sua causa...”.³⁴

Sua vinda ao Brasil adulta, não fluente em português e com experiências marcantes que a fizeram buscar a literatura como forma de entendimento da nova realidade – e posteriormente de participação social – foram fatores significativos para entendermos sua trajetória e a opção pela crônica jornalística. Trudi esteve em contato com pessoas que lutavam pelos direitos humanos e pelo fim da ditadura, como D. Evaristo Arns, foi uma personalidade que transitou nacional e internacionalmente por diferentes momentos de repressão e autoritarismo e utilizou a leitura e a escrita como modo de atuação social e resistência.

²⁸ Cf. SOARES, Dirceu, *op. cit.*

²⁹ As edições da *Folha de S. Paulo* nas quais Flávio Rangel fez comentários sobre Trudi Landau foram as de 16 fev; 1979; 16 ago. 1978; 27 set. 1978; 26 nov.1980 e 28 nov.1980.

³⁰ LANDAU, Trudi. *Crônicas do meu tempo*. São Paulo: Massao Ono/Roswhita Kempf, 1981.

³¹ *Idem*, *Vlado Herzog: o que faltava contar*. São Paulo: Vozes, 1986.

³² Sobre as correspondências de Carlos Drummond de Andrade, ver VASCONCELLOS, Eliane. Correspondentes de Carlos Drummond de Andrade. *Manuscrita*, n. 11, São Paulo, 2003.

³³ ANDRADE, Carlos Drummond de *apud* LANDAU, Trudi. *Carlinhos querido, op. cit.*, p. 162.

³⁴ *Idem, ibidem*, p. 163.

A literatura em sua realidade

Consideramos que toda literatura é social e historicamente situada, nunca alheia ao tempo e à sociedade em que é elaborada, e é este o pressuposto que nos conduziu a pensar sobre a relação entre Trudi Landau, cronistas e as crônicas jornalísticas. Por meio desses textos e das trocas epistolares é possível acessar suas interpretações e intervenções no gênero, mostrando que a literatura é um sistema dinâmico e vinculado à realidade, como explicou Antonio Candido:

*A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo.*³⁵

Nesse sentido, ganha relevância a atuação de leitores(as) e interlocutores(as) como Trudi Landau para a compreensão da literatura – e aqui, mais especificamente, da crônica jornalística. Ainda de acordo com Candido,

*não convém separar a repercussão da obra da sua feitura, pois, sociologicamente ao menos, ela só está acabada no momento em que repercute e atua, porque, sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, e como tal tem interesse sociológico. Ora, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é, seu efeito.*³⁶

O crítico nos apresenta a divisão entre “arte de agregação” e “arte de segregação”, conceitos complementares presentes em uma obra, mas que têm maior ou menor destaque, a depender da sua orientação. Vemos na crônica de jornal a predominância da agregação, pois ela “se inspira principalmente na experiência coletiva e visa a meios de comunicação acessíveis. Procura, nesse sentido, incorporar-se a um sistema simbólico vigente, utilizando o que já está estabelecido como forma de expressão de determinada sociedade”.³⁷

A ênfase na integração do indivíduo na sociedade a partir da literatura contribui para o entendimento da relevância das crônicas para Trudi; afinal, eram textos de fácil acesso que se valiam de temas do cotidiano, contemporaneidade dos(das) escritores(as), periodicidade da leitura, disponibilidade material em jornais e, principalmente, pela capacidade de estabelecer um contato (mesmo que por vezes unilateral) com autores(as) e demais leitores(as), tornando-se parte de um grupo.

A crônica é um gênero no qual o diálogo e a proximidade com o(a) leitor(a) têm grande importância. No caso de Trudi, a partir das crônicas, ela podia contatar escritores(as), discutindo problemas da realidade à qual estava se adaptando. Naquele contexto, havia autores(as) a quem recorrer, a quem

³⁵ CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*, op. cit., p. 84.

³⁶ *Idem, ibidem*, p. 31.

³⁷ *Idem, ibidem*, p. 33.

conhecer cotidianamente, a quem replicar, assim como um local de produção específico onde procurá-los(as) e responder a eles(as): a empresa jornalística.

Trudi expôs em carta para Drummond, em 23 de janeiro de 1980, que “com tanta coisa interessante para lhe comunicar, e enquanto você tiver crônica na *Folha* a me provocar comentários, é impossível reduzir o fluxo de minhas cartas a menos de duas por semana”.³⁸ Tratava-se de parte substancial do processo de socialização da leitora, sobre o qual ela concluiu: “Cada um com seu modo de ser. Você escolheu o distanciamento e vive para si. Eu vivi muito tempo só para dentro de mim, agora estou vivendo para fora e estou percebendo que minhas ideias coincidem com as de muita gente boa, que minha vontade de tornar o mundo mais decente está caindo em solo adubado e motivando outros, assim como outros me motivam em muita coisa”.³⁹

O jornal, para ela, não era apenas um suporte dos textos que lia, mas um lugar de articulação social em que conseguia intervir. É expressiva a dedicatória que consta do livro *Crônicas do meu tempo*, feita “aos homens que me deram coragem” – entre eles figuravam os jornalistas Alberto Dines, Laerte Fernandes, Ebrahim Ramadan, o publicitário Carlito Maia e os cronistas Carlos Drummond de Andrade e Lourenço Diaféria.⁴⁰ As crônicas presentes na obra foram publicadas entre 1975 e 1980, majoritariamente no *Notícias Populares*, do Grupo Folha.

Conforme familiarizava-se com a literatura de jornal, Trudi passava a entender que aquele espaço era para a ficção e não para um artigo de opinião. Exemplar foi sua resposta a uma crônica de Lourenço Diaféria sobre fantasias de carnaval: o cronista ironizou, dizendo que havia solicitado a ajuda de colegas de redação para pesquisa de campo, e sugeriu fantasias como a de “salário-mínimo”, com o folião “completamente despido”⁴¹, e a de “Lamê-light”, com o cidadão coberto de purpurina, petróleo e com um poste de isopor na cabeça. Trudi não tardou a responder:

*O querido Lourenço Diaféria confiou demais na equipe dessa “Folha” para ajudá-lo a inventar fantasias para o Carnaval vindouro. Fiquei horrorizada com sua proposta “Lamê-light”, pois ela é puro incentivo ao assassinato. Logo se nota que ninguém aí da redação tem conhecimentos de medicina. Cobrindo um corpo nu com spray incolor e depois com uma camada de purpurina e ainda com petróleo, o amigo estaria obstruindo todos os poros do folião matando-o incontinenti, pois estaria impedindo sua pele de respirar. Peço ao cronista, que sei de índole antiviolença, que desencoraje, urgentemente, seus leitores a optar pela fantasia publicada em “Ui, o grito de Carnaval”, antes que aconteça algum desastre.*⁴²

Cabe destacar que as características dos textos e o processo de elaboração das crônicas de seus dois principais interlocutores, Lourenço Diaféria e Carlos Drummond de Andrade, eram diferentes. Enquanto Diaféria dedicava-se ao cotidiano de São Paulo, sendo um escritor com “pleno domínio da reportagem”, que ia “juntando os retalhos da informação”⁴³, Drummond era o “cronista-

³⁸ LANDAU, Trudi. *Carlinhos querido*, op. cit., p. 57.

³⁹ *Idem*, *ibidem*, p. 58.

⁴⁰ *Idem*, *Crônicas do meu tempo*, op. cit.

⁴¹ DIAFERIA, Lourenço. Ui! o grito de carnaval. *Folha de S. Paulo*, 6 fev. 1979, p. 33.

⁴² LANDAU, Trudi. *Folha de S. Paulo*, Painel do Leitor, 10 fev. 1979, p. 5.

⁴³ SÁ, Jorge de. *A crônica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987, p. 39.

poeta” do Rio de Janeiro.⁴⁴ Se Diaféria estava inserido na redação da *Folha*, as produções de Drummond acessadas por Trudi eram distribuídas pelo *Jornal do Brasil* para empresas de outros estados.⁴⁵ Contudo, cada um com sua vivência, eram contemporâneos da ditadura, dos centros urbanos e na literatura; com eles, Trudi desvendava as possibilidades do gênero e elaborava seu próprio estilo. Suas crônicas tendiam a ser mais próximas da escrita de Diaféria do que da de Drummond, apesar de ela publicar alguns poemas. Nas crônicas da autora eram recorrentes os acontecimentos políticos e o fato cotidiano, bem como os diálogos e as lembranças, que pareciam conferir aos textos a função de caderno de memórias ou diário. Sem seu filho e vivendo longe de sua terra de origem, serviu-se da literatura também como forma de registro de suas vivências.

Se inicialmente a leitora compreendia a crônica como uma opinião do(a) escritor(a), aos poucos foi entendendo que aquele espaço do jornal se prestava para o fazer literário e que existia diferença entre autor(a) e narrador(a), assumindo parte do seu tom irônico. Foi no Brasil que Trudi aprendeu sobre crônicas jornalísticas; aqui a maior parte delas foram publicadas, muitas delas com “diálogos” imaginados com sua cadela de estimação, Gipsy. Entretanto, se essas crônicas agradavam o público brasileiro, isso não ocorria com o público alemão:

sempre conversava com minha cadelinha Gipsy, mas ao longo de minha curta carreira de cronista tenho recebido algumas recriminações que me fizeram duvidar de minhas faculdades mentais, especialmente pelo fato de terem vindo de meus leitores alemães do semanário Brasil Post, antigamente por mim contemplado com contribuições regulares. Insistiam eles que, na realidade, todo mundo sabia que cachorro não fala e por isso deveria eu mudar de assunto. Mudei é de atitude. Não mais escrevo para eles. Em compensação, brasileiro parece acreditar que eu fale com bichos e por isso continuo a revelar, ocasionalmente, em Notícias Populares, as boas ideias e o raciocínio profundamente válido de minha cadelinha.⁴⁶

Seu interesse pela literatura aumentava gradativamente. Além de enviar recortes de livros e jornais para seus correspondentes, remetia-lhes traduções, como as de Erich Kaestner. Na longa troca com Drummond figuraram diversos nomes da literatura nacional e internacional, como Carolina de Jesus, Adélia Prado, Cora Coralina, George Orwell, Franz Kafka, Heinrich Heine, Elie Wiesel, Paul Valéry, Manuel Bandeira, Nelson Rodrigues, Mário de Andrade, Ziraldo, Fernando Morais e Moacyr Scliar.

Em sua incursão literária, Trudi passou a refletir sobre a crônica como gênero; certamente por se radicar em São Paulo, fisicamente próxima das empresas de comunicação onde estavam cronistas conhecidos(as), facilitou esse processo. Ao comentar o debate sobre literatura na Bienal Nestlé, em 1984, reclamou da falta de menção às cronistas mulheres. Contava ter ouvido que “a crônica diz com leveza aquilo que o poeta somente consegue dizer com muita arte” e considerava que, por essa razão, era mais fácil escrever crônicas do que poesia, já que a crônica seria “uma canção de curta duração, mas que envolve o leitor”.⁴⁷ Destacou a fala de Lourenço Diaféria, indicando a relação entretecida com leitores(as) a partir desses textos:

⁴⁴ *Idem, ibidem*, p. 66.

⁴⁵ Cf. LANDAU, Trudi, *Carlinhos querido*, *op. cit.*, p. 11.

⁴⁶ *Idem, ibidem*, p. 10.

⁴⁷ *Idem, ibidem*, p. 132.



Nas discussões sobre a crônica apareceu novamente a pergunta: o que é? Lourenço respondeu que não sabia o que era. O conto é ficção, mas a crônica é vivida. Disse ainda que mais cedo ou mais tarde o cronista se entrega. Os leitores ficam sabendo quem é, se casado ou não, se careca ou cabeludo. Acabam conhecendo suas preferências, qual o seu time, suas emoções. Creio que poeta, como você, também se entrega, somente com mais sofisticação e com anos de atraso. Você mesmo disse que escreveu para livrar-se do que estava dentro de você.⁴⁸

A despeito de considerar elogiosa a ideia da simplicidade da crônica, Trudi discordava da publicação da revista *Veja* na qual afirmou-se que “a crônica é um gênero menor, perecível, como os assuntos de que trata”.⁴⁹ Sabe-se que, frequentemente, o caráter referencial da crônica jornalística a torna alvo de críticas em relação à qualidade literária. Todavia, isso é parte nada desprezível de sua eficácia, segundo Antonio Candido: “por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo dia”.⁵⁰

Sobre esse foco nas crônicas, Trudi explicou em seu livro: “Desde 1978 eu vinha adquirindo um pouco mais de conhecimento sobre escritores e jornalistas brasileiros, mas não tinha a mesma reverência pelo poeta que sentia a maioria das pessoas. Não conhecia sua poesia [de Drummond], sendo minha ligação intelectual a de cronista para cronista”.⁵¹ Em uma das primeiras cartas à Drummond, em 25 de março de 1978, ela disse: “Não ligue, não, pela avalanche de minhas cartas. Quando eu tiver dito tudo que quero lhe dizer, desde que o conheci por suas crônicas no *Shopping News*, em 1974, vou parar sozinha”.⁵² Se a troca epistolar presume uma seleção do que será escrito e mesmo de como começar a conversa, é significativo que muitas cartas iniciassem com: “Sua crônica na Folha...”, “Dediquei-lhe minha crônica hoje...”, “De suas crônicas, a que mais aprecio são as irônicas”, “Quando li em sua crônica...”, “Leio hoje, no fim de sua crônica...”, “Uma vez escreveu numa crônica...”.

O acesso físico aos textos era outra questão tematizada por ela. Para Trudi a literatura deveria ser financeiramente acessível, não era afeita às edições caras nem à arte como objeto de distinção, “objeto elitizado”, dizia. Em 1980 escreveu ao *Jornal do Brasil* criticando a edição da coletânea de Drummond, intitulada *A paixão medida*. Questionava como um autor “adverso à badalação [...] podia permitir que se fizesse um livro ao preço de Cr\$ 7 mil 800 e cujos 643 exemplares ficarão, obviamente, reservados a uma elite”. Nessas circunstâncias, muitos(as) dos(as) que adquiriram a coletânea não seriam realmente leitores(as): “compraram a obra de arte como teriam comprado um quadro de artista famoso”, enquanto pessoas efetivamente interessadas na literatura não podiam pagar.⁵³

Com o passar dos anos, a escrita de crônicas, como já enfatizado, funcionou como uma alternativa de intervenção social para Trudi. Eis alguns exemplos simbólicos: a crítica à ação do governo no caso Herzog; a defesa de Diaféria

⁴⁸ *Idem*.

⁴⁹ *Idem*.

⁵⁰ CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão, *op. cit.*, p. 13.

⁵¹ LANDAU, Trudi. *Carlinhos querido*, *op. cit.*, p. 11.

⁵² *Idem*, *ibidem*, p. 12.

⁵³ *Idem*, *Jornal do Brasil*, Caderno B, Rio de Janeiro, 15 out. 1980, p. 2.

diante da acusação de infração da Lei de Segurança Nacional; a longa campanha de conscientização que fez sobre epilepsia; e seu envolvimento com causas feministas. Sobre esse tema, reportou-se a Drummond:

Esta semana foram as feministas que me pediram para entrar na delas. Estão revoltadas com o pouco caso que a política e a justiça fazem quando se trata de mulheres estupradas. Pretendo fazer também nesse campo um pouco de barulho. Coluna é para essas coisas. A gente se reúne na casa da atriz Ruth Escobar, são muitas mulheres valentes e inteligentes, jornalistas, sociólogas, professoras, sexólogas, advogadas. Mando-lhe minha crônica "Mulheres violentadas".⁵⁴

Não tivemos acesso a essa crônica, porém pudemos acompanhar seu posicionamento sobre o papel da mulher na sociedade em outras publicações, como no *Jornal do Brasil*:

Quando eu era mocinha, aluna externa em colégio de freiras, a imagem que fazia da mulher adulta se dividia em duas categorias: a maioria era dona-de-casa, esposa e mãe: o resto eram fêmeas que não prestavam. [...]

Mulheres que colocam filhos no mundo não são, necessariamente santas mãezinhas compenetradas de seu papel nem as que evitam ou abortam são, por isso, desalmadas egoístas. O que não parece ocorrer aos falsos moralistas é o fato de haver mulheres com senso de responsabilidade que não querem colocar crianças neste planeta justamente pensando no eventual sofrimento dos não nascidos, mulheres com receio de não poder dar educação, proteção e felicidade ao inocente existente. Nem todas são bastante inescrupulosas para confiar na sorte ou ingênuas ao ponto de pensar: Deus é quem sabe. [...]

Que ninguém se engane. As condições, no mundo inteiro, vão ficando piores de ano em ano. Parir filhos sem pensar nisso é leviandade. Confiar em Deus não adianta, pois os tempos do maná caindo gratuitamente eram tempos bíblicos. Trudi Landau – São Paulo.⁵⁵

Sua campanha em relação à epilepsia apareceu tanto nas próprias crônicas como nas de seus interlocutores. Drummond, em texto veiculado no *Jornal do Brasil* e na *Folha de S. Paulo* em 27 de outubro de 1979, escreveu: "Trudi Landau, de São Paulo, prossegue na campanha de esclarecimento em torno da epilepsia. Quer libertá-la do conceito pejorativo que ainda a envolve e que causa tantos prejuízos sociais. [...] Trudi é valente, e despacha por um dia um enxame de cartas, comunicados e crônicas que hão de convencer, finalmente, a cabeça dura dos preconceituosos".⁵⁶

Ela considerava que, ao se tornar escritora, começou sua "carreira de lutadora".⁵⁷ Suas críticas às autoridades responsáveis pela morte de Herzog, oficialmente atribuída a um "suicídio", foram o ponto de partida de seu contato com Zora Herzog, mãe do jornalista.⁵⁸ Na perspectiva pela qual concebemos a

⁵⁴ *Idem, Carlinhos querido, op. cit.*, p. 56.

⁵⁵ *Idem, Jornal do Brasil*, Caderno B, Rio de Janeiro, 13 mar. 1981, p. 2.

⁵⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. Tem a palavra o leitor. *Folha de S. Paulo*, 27 out. 1979. p. 32.

⁵⁷ Foi assim, com textos contra a ditadura e o antissemitismo, que Trudi Landau definiu o início de sua carreira de escritora no Brasil. Ver Entrevista com Trudi Landau, por Cláudia Leonor. Museu da Pessoa, São Paulo, 1991. Acervo MM_HV042.

⁵⁸ Em 1976, uma carta de Trudi Landau ao *Jornal da Tarde* trazia seu depoimento sobre Vlado Herzog: "O sr. Herzog não foi enterrado na quadra 27, onde o são tradicionalmente os suicidas. Ele repousa na quadra 28,

literatura – como um “um ato concreto de intervenção no seu tempo histórico e contexto”⁵⁹ –, o interesse de Trudi pelas crônicas não é um acaso. No perfil que se formou sobre o gênero, mesmo diante da diversidade de abordagens e temas, fez-se presente a “tensão entre a tarefa de comentar a realidade e o intuito de transformá-la”.⁶⁰ Os traumas, o deslocamento para outro país, a busca de integração na nova realidade, levaram a cronista a se interessar pela leitura e pela escrita em jornais; logo, a literatura despontou como uma forma de atuação social, de se relacionar com outras pessoas e lidar com o contexto em que vivia.

A crônica da segunda metade do século XX que circulava em São Paulo – da qual falamos quando tratamos da experiência de Trudi Landau – é, sobretudo, expressão de seu tempo. Isso significa, entre outras questões, que o espaço social que cronistas ocupavam se devia ao fato de o jornalismo impresso ser então um meio de comunicação expressivo, que, mesmo diante dos novos meios de comunicação de massa (como a televisão), se reestruturava para atrair o público.⁶¹ Os jornais – que não são neutros, com seus “registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões”⁶² – são relevantes agentes políticos e sociais e suportes que garantem circulação e modos de produção específicos. E, sob a atmosfera do regime ditatorial da época, a crônica como literatura na grande imprensa – de cunho empresarial e privado – aparecia, por vezes, como espaço possível de reflexão e crítica, até porque a maior vigilância incidia sobre editoriais, notícias e colunas de opinião.

A relação entre jornalismo e literatura é fundamental para compreendermos as especificidades do gênero e o caso aqui abordado. Em 1984, quando Drummond decidiu não enviar mais crônicas semanais para jornais, Trudi lhe escreveu: “Uma vez, parece que foi em 1978, você me escreveu que gostaria muito de não mais ser obrigado a escrever crônica, para poder dedicar um pouco de tempo a conversar, por carta, com os amigos. Eu sempre senti muita pena que você fosse obrigado a fornecer três crônicas por semana.”⁶³ Diante da insistência de outros escritores para que continuasse, Drummond, segundo Trudi, respondeu “que havia falta de tanta coisa, de dinheiro, de alimentos, de vergonha, mas não faltavam cronistas”.⁶⁴ No entender dela, as crônicas de Drummond eram, de alguma maneira, como que respostas às suas cartas, inquietações e, a partir delas, ela acompanhava o escritor. Daí concluir: “Algumas vezes você vai sentir falta de sua crônica, pois nela você podia desabafar, quando morre alguém que merece epitáfio ou lembrança, quando na política há algum fato que provoque sua ira, quando você gostaria de ressaltar o mérito de alguém que lhe parece ter sido esquecido ou relegado; quando o coração lhe

sepultura nº64, no meio de gente que faleceu de velhice, doença, acidente ou de outras causas. Pois, naquele cemitério, os suicidas são punidos pelo pecado que cometeram, indo para um lugar específico, reservado aos infelizes que puseram fim à própria vida. Sei disso muito bem, pois tenho por quem chorar na quadra 27, não muito longe da sepultura do Sr. Herzog”. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 15 mar. 1976.

⁵⁹ DUARTE, Adriano e BOTELHO, Denilson. Por uma história social da literatura. In: FONTINELES, Claudia Cristina da Silva et al. (orgs.). *Ateliê da história*. Teresina-São Paulo: Edufpi/Mentes Abertas, 2019, p. 80.

⁶⁰ CHALHOUB, Sidney, NEVES, Margarida de Souza e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda, *op. cit.*, p. 19.

⁶¹ Cf. CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988, e CAPELATO, Maria Helena Rolim e MOTA, Carlos Guilherme. *História da Folha de S. Paulo (1921-1981)*. São Paulo: Impress, 1981.

⁶² LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (org). *Fontes históricas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 112.

⁶³ LANDAU, Trudi. *Carlinhos querido*, *op. cit.*, p. 116.

⁶⁴ *Idem, ibidem*, p. 131.

transborda de alegria ou ternura. De vez em quando vai dizer: ah, se ainda tivesse a crônica, eu diria isso ou aquilo!”⁶⁵

No mais, a opção de Trudi pela leitura e pela produção das crônicas pode ter ocorrido pela aparente simplicidade de um texto que não seria domínio de “grandes romancistas, dramaturgos e poetas”⁶⁶, abrindo espaço a assuntos e linguagens do cotidiano. É nessa possível simplicidade – e na facilidade de acesso – que se situa a diferença entre a crônica e as outras literaturas, além de sua eficácia para leitores como Trudi. Como afirmou Candido, “a literatura corre com frequência este risco, cujo resultado é quebrar no leitor a possibilidade de ver as coisas com retidão e pensar em consequência disto. Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou reestabelecer a dimensão das coisas e das pessoas.”⁶⁷

Trudi Landau foi, simultaneamente, leitora assídua de crônicas e cronista. Trata-se de uma personagem pouco conhecida pela história, mas que esteve presente na trajetória de reconhecidos nomes da literatura e da política na segunda metade do século XX. Percebe-se que seu interesse pela crônica jornalística antecede suas relações de amizade com escritores e se vincula com as próprias características do gênero, com destaque para a facilidade de acesso físico, por ser o jornal um meio de comunicação de grande alcance, principalmente no período estudado, assim como pela linguagem, tida como mais coloquial, e pelos temas do cotidiano.

A leitora, que logo se tornou autora, tinha nesses textos uma forma de diálogo e exposição de suas ideias e memórias, fatores de superação da solidão e dos traumas em suas duas experiências em regimes autoritários. As crônicas, como vimos, cumpriram o papel de um espaço importante para que ela se situasse na realidade brasileira, compreendesse a língua e estabelecesse novos laços. Por isso, a experiência de Trudi Landau nos permite uma aproximação com o olhar do(da) leitor(a), o “outro lado do diálogo”, e com a ação de quem, conscientemente, usou a literatura como instrumento de intervenção na sua realidade.

Artigo recebido em 19 de setembro de 2023. Aprovado em 3 de novembro de 2023.

⁶⁵ *Idem, ibidem*, p. 135.

⁶⁶ CANDIDO, Antonio. *A vida ao rés-do-chão*, *op. cit.*, p.13.

⁶⁷ *Idem, ibidem*, p. 14.